

José Régio e a Arte Plástica Irmanada¹

Maria José M. Madeira D'Ascensão
Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal

“Em arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística.”

(José Régio, «Literatura Viva» in
Revista *Presença* – *Folha de Arte e Crítica*)

A propósito da enumeração de alguns pintores que tanto apreciava, comentou José Régio, nas suas *Páginas do Diário Íntimo* (2004: 45), que “A Arte é a sugestão, pela representação da Vida e da Natureza, do que na Vida e na Natureza há de supremo”. Na verdade, cumprindo com este preceito, contribuiu tal personalidade da cultura portuguesa para que a Arte tivesse conhecido copiosa expansão, pois que toda a sua obra constituiu uma “sugestão” original e admirável do que é supremo, na vida e na natureza.

Conhecido, assim, na Arte da Literatura (na qual se engloba a poesia, a dramaturgia, a narrativa ficcional, a crítica e os ensaios), José Régio prosperou também na Arte Popular e Religiosa, através do colecionismo, e na Arte Plástica, através da realização de desenhos. Visando em especial esta sua última vertente artística, aludimos nós a, por exemplo, muitas ilustrações suas que foram contempladas, em capas e/ou em desenhos vários, de diversos livros da sua autoria. E, de facto, se nos reportarmos ao seu contributo na *Presença: Folha de Arte e Crítica*, um esboço seu dedicado a Gaspar Simões, intitulado “A que ficou sem par”, contemplou a capa do n.º 22 (novembro, 1929: 1). Deste modo, neste marco proeminente, todavia ainda preambular na sua ampla produção plumitativa, José Régio manifestou não

¹ Conferência de abertura da exposição “Arte e Fraternidade: Artistas e Cidades Irmanadas”, na Galeria de S. Sebastião - Câmara Municipal de Portalegre, no dia 23 de maio de 2015, com respetiva publicação na brochura da referida exposição, pela Câmara Municipal de Portalegre e pela Câmara Municipal de Vila do Conde.

limitar-se apenas à literatura, tendo certificado a sua vertente criadora no campo artístico do desenho.

Na verdade, a arte plástica não representava um tema desconhecido para este célebre autor. Lembremos, pois, o extraordinário ensaio que redigiu no n.º 17 da já referida revista. Intitulado “Breve história da pintura moderna”, nesta análise crítica, examina a arte e o artista; destaca e descreve o pintor e o desenhista moderno – individual, original e livre –, um Ser que, na adoção de uma sensibilidade global, se aparta dos anteriores, na medida em que (dezembro, 1927: 5): “(...) pintando, o pintor fatalmente pinta a sua própria visão. E a sua visão depende não só dos seus olhos – mas dele todo: Também dos seus ouvidos, do seu olfacto, do seu tacto, do seu paladar; e também das suas crenças, das suas doenças, das suas manias, dos seus vícios, das suas virtudes... Daqui nasce a atitude, consciente ou subconsciente, voluntária ou involuntariamente voluntária, de todos os grandes pintores e desenhistas modernos.”



Na verdade, em José Régio, a afabilidade pela arte teve génese na vivência de um ambiente familiar a ela propício: o pai, José Maria Pereira Sobrinho, nutria uma grande paixão pelo teatro, e a mãe, Maria da Conceição, mulher extremosa e dedicada, era dotada de uma grande sensibilidade e imaginação.

Do mesmo modo, os irmãos de José Régio não desprezaram influências desta raiz, pelo que desenvolveram gostos artísticos curiosamente comuns: Júlio, Apolinário e João Maria, na pintura e no desenho; Saúl Dias (pseudónimo de Júlio, o pintor) e João Maria, na poesia. José Régio, em *Confissão de um Homem Religioso*, relatou, mesmo, essa comunhão fraternal, essa afeição similar no cultivo do talento por parte dos (e entre os) irmãos, embora tivesse reconhecido maior cumplicidade na arte de Júlio precocemente anunciada na infância de ambos (1971: 35-36): “Um dos nossos gostos comuns era, pois, desenhar ou até «pintar». Tínhamos cada um a sua caixa de tintas, com bisnagas. Frequentemente *trabalhávamos* ao lado um do outro, ou estudávamos. Meu irmão nunca mais deixou de pintar e desenhar: Além de vir a revelar-se, mais tarde, o poeta Saul Dias, tornou-se o artista plástico tão original que é hoje, – e que só não tem o reclame efémero atribuído a outros devido, precisamente, à sua originalidade autêntica e à sua indiferença perante as publicidades e os modismos fáceis. Eu desviei-me das artes plásticas para a literatura, e fiquei um desenhista «de domingo» que quase só desenha quando não pode escrever; ou que nem desenha durante longos meses e anos. O principal interesse dos meus produtos plásticos, claro está que é o de serem os dum literato mais ou menos conhecido.” Com efeito, alguma da profícua produção plástica de Júlio

ilustra alguns livros (capa e desenhos) de Régio, denunciando neles uma comunhão de gostos e de ânsias: a tal convivência reconhecida pelo autor.

Urge, assim, conhecer e aprofundar uma das vertentes artísticas partilhadas pelos irmãos Reis Pereira: a arte plástica. Esta considerada “irmanada”, não só porque partilhada numa condição fraternal, mas porque cúmplice na individualidade, na originalidade e na genuinidade. Esta que, ainda hoje, tão apreciada e apreciável, anui com a perenidade que se deve atribuir à sua singular qualidade, atendendo, assim, ao que o próprio José Régio considerava, pois que, segundo ele próprio: “Toda a obra de arte vive de si.” (*Ensaio de Interpretação Crítica*, 2009: 143).

Referências Bibliográficas:

Fonseca, B.; Simões, J. G., Casais Monteiro, A. e Régio, J. (1993). *Presença: Folha de Arte e Crítica (Edição Facsimilada: 1927-40)*. Lisboa: Contexto. Tomos I, II e III.

Régio, J. (2009). *Ensaio de Interpretação Crítica*. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

Régio, J. (2004). *Obra Completa: Páginas do Diário Íntimo*. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda.

Régio, J. (1971). *Obras Completas: Confissão de um Homem Religioso — Páginas Íntimas*. Lisboa: Portugália Editora.